



Ministério da Educação

Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares

Centro de Formação Continuada de Professores

Secretaria de Educação do Distrito Federal

Escola de Aperfeiçoamento de Profissionais da Educação

Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica

## A RELEVÂNCIA DA CULTURA POPULAR DENTRO DA ESCOLA E SUA VALORIZAÇÃO NO CURRÍCULO

**Carla Cristina Braga Alves Dutra**

**Professora-orientadora Mestre Rita Silvana Santana dos Santos**  
**Professora monitora-orientadora Mestre Givânia Maria da Silva**

**Brasília (DF), Abril de 2013**

**Carla Cristina Braga Alves Dutra**

**A RELEVÂNCIA DA CULTURA POPULAR DENTRO DA  
ESCOLA E SUA VALORIZAÇÃO NO CURRÍCULO**

Monografia apresentada para a banca examinadora do Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica como exigência parcial para a obtenção do grau de Especialista em Coordenação Pedagógica sob orientação da Professora-orientadora Mestre Rita Silvana Santana dos Santos e da Professora monitora-orientadora Mestre Givânia Maria da Silva.

**TERMO DE APROVAÇÃO**

**Carla Cristina Braga Alves Dutra**

**A RELEVÂNCIA DA CULTURA POPULAR DENTRO DA  
ESCOLA E SUA VALORIZAÇÃO NO CURRÍCULO**

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista em Coordenação Pedagógica pela seguinte banca examinadora:

Mestre Rita Silvana Santana dos Santos  
(Professora-orientadora)

Givânia Maria da Silva  
(Monitora-orientadora)

Prof. Liceros Alves Reis  
(Examinador externo)

Brasília, 18 de abril de 2013

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, que se manifesta como “a força que aparece quando você acha que não tem mais nenhuma” e à minha família, que me apóia sempre em meus empreendimentos.

Agradeço a todos que de alguma forma contribuíram para a realização desse trabalho.

“Quem se aproxima do povo desce às raízes e fontes da vida”.  
(Gilberto Freyre)

## RESUMO

A pesquisa realizada trata da questão da cultura popular dentro das escolas, suas potencialidades pedagógicas e importância dentro do currículo. Discute também a ausência de um trabalho efetivo e direcionado relacionado à essa temática, e o desconhecimento por parte dos alunos e suas famílias da cultura popular. Mostra que o trabalho pedagógico realizado com a abordagem desta cultura abrange além das áreas do conhecimento também a questão da valorização dos sujeitos dentro de sua história de vida e suas potencialidades não só como consumidores de cultura, mas como produtores e transmissores desta cultura. Com o objetivo de despertar o olhar crítico dos alunos e o autorreconhecimento de seu potencial como ser produtor de cultura, foi feita uma pesquisa qualitativa com abordagem fenomenológica em uma sala de aula composta por 20 alunos do 4º ano do Ensino Fundamental (Séries Iniciais), que preencheram junto com seus familiares um questionário no qual responderam perguntas referentes à sua ascendência bem como ao conhecimento que possuíam sobre a cultura popular de seu local de origem. Com base nesses dados foram realizadas oficinas que trataram de aspectos distintos da cultura popular. O trabalho realizado demonstrou que a cultura popular precisa ser resgatada nas escolas, pois essas ainda encantam as crianças de hoje e colaboram para o desenvolvimento de aspectos necessários a realização da cognição por meio da: concentração, audição, memorização, coordenação motora entre outros. Foi demonstrado também por meio da pesquisa a importância por parte do profissional de educação de conhecer a origem de sua clientela.

Palavras- chave: Cultura popular. Currículo. Diversidade.

## **LISTA DE IMAGENS**

**Imagem 01:** Momento de leitura da história “Trapalhadas do Zé Bocoio”.

**Imagem 02:** Alunos produzindo texto relativo à história “Trapalhadas do Zé Bocoio”.

**Imagem 03:** Construção do chocalho.

**Imagem 04:** Realização da brincadeira “Escravos de Jó”.

## SUMÁRIO

I - Referencial teórico	12
II - Metodologia de pesquisa	20
III - Análise dos dados	24
Conclusão	
Bibliografia	
Apêndice 1	
Apêndice 2	
Apêndice 3	
Apêndice 4	
Apêndice 5	
Apêndice 6	

## INTRODUÇÃO

O ambiente escolar mostra-se rico na variedade de sujeitos e suas origens. É o local ideal para pontuarmos um trabalho que aborde a riqueza do repertório cultural popular, sabedoria que origina-se no seio do imaginário popular e espelha todas as suas expectativas, sua visão de mundo e conhecimento sobre o funcionamento e origem de tudo aquilo que é conhecido, e até desconhecido.

Nessa perspectiva, buscamos despertar nos alunos a consciência de que possuem um conhecimento produzido através dos tempos, fruto da produção sócio interativa de seus ancestrais.

Reconhecer - se como produtor de cultura – e não só como consumidor – nos dá uma outra visão de nossa realidade. Quem produz conhecimento detém o poder de construir a realidade conforme suas necessidades, de enxergar além do que lhe é imposto, de ver beleza além dos estereótipos da cultura dominante. Isso é possuir um verdadeiro senso crítico.

O repertório cultural popular brasileiro é riquíssimo, principalmente no que diz respeito aos contos e brincadeiras. Sabemos que muito do que foi produzido encontra-se no imaginário popular e não possui registro escrito. As camadas populares encontram dificuldades em vivenciar sua cultura, já que na grande maioria das vezes não têm espaço e oportunidades para o exercício de suas manifestações culturais. Esse fato gera a alienação dos sujeitos envolvidos em relação ao seu próprio capital cultural e toda a importância que ele possui. O ambiente escolar é um local propício para o resgate dessa vivência que também pode mostrar aos alunos que a cultura primeira – aquela trazida de casa – possui seu valor como fonte de formação de sujeitos produtores e consumidores de cultura elaborada.

A pesquisa foi realizada na Escola Classe 22 do Gama. A escola atende crianças da Educação Infantil (de 4 e 5 anos) e a primeira fase do Ensino Fundamental, do 1º ao 5º ano. Atualmente a instituição conta com 580 alunos, que são atendidos no turno matutino e vespertino. A escola possui ações pedagógicas voltadas ao trabalho com o Folclore Brasileiro, principalmente no mês de agosto. A participação dos alunos nessas ações muitas vezes mostra-se tímida, pois os mesmos desconhecem a origem do que lhes é apresentado

(brincadeiras, comidas típicas, contos...), mesmo o dado conhecimento sendo proveniente da região de origem de sua família. Nota-se assim a desvalorização das origens, é fruto também de uma falta de comunicação de qualidade em ambiente familiar.

Os alunos do referido ano escolar em sua maioria possuem a maturidade para compreender o processo de produção cultural e aquisição da mesma, podendo ainda vislumbrar a íntima associação entre a detenção da cultura dominante com a detenção do poder em suas instâncias micro e macro. O conhecimento de que “saber é poder”, tem como consequência o aprimoramento de uma visão crítica e avaliativa da realidade que vivemos.

**Objetivo geral:** Identificar a cultura popular brasileira, reconhecendo-a como produto original e espontâneo da sabedoria do povo e a importância de seu resgate em ambiente escolar.

**Objetivos específicos:**

1. Identificar como algumas práticas podem excluir os sujeitos e a sua cultura no ambiente escolar;
2. Reconhecer na cultura popular o produto da leitura da cultura erudita feita pelas camadas populares e a relevância da abordagem desta cultura na escola;
3. Observar a diversidade de situações e ensinamentos presentes na cultura popular e a relação desta cultura com os conteúdos da grade curricular;
4. Desenvolver a capacidade de produção de histórias, brinquedos e brincadeiras baseados na cultura popular, transformando as práticas de leitura em sala de aula, objetivando a leitura analítica e de fruição.

Durante o desenvolvimento do trabalho, o referencial teórico nos deu bases para a pesquisa e análise dos dados. Foram realizadas atividades em duas oficinas juntamente com os alunos, registradas através de fotos, e confecção de materiais em sala de aula, bem como a avaliação de tais atividades.

## I- REFERENCIAL TEÓRICO

O homem produz conhecimento por meio de sua existência como sujeito histórico. Tal processo ocorre devido a natureza social humana, e isso nos torna distintos dos demais seres do conjunto da natureza. Surge então a educação como expressão social da cultura criada pelo homem:

Esse processo de criação e transmissão contínuas do conhecimento conforma aquilo que chamamos de processo cultural. Tal processo é inseparável da condição social do homem. Porque se transforma ao longo do tempo, é histórico, e, por ser comum a todos, é considerado universal. Porque implica o conhecimento e o aprendizado, é um processo educacional.(VALENTE,1999, p.16).

Sabemos que isso forma muitos tipos de cultura, pois essa está intimamente ligada a todo o contexto que a gera. Para Corrêa (2008): "(...) é possível então haver semelhanças culturais, mas jamais culturas idênticas." Tal argumento nos remete a analisar como são realizadas as abordagens sobre a cultura de um local pela escola. Como a escola trabalha com a diversidade cultural existente em nossa realidade?

No decorrer da história, percebemos que a cultura como o cerne diferencial entre os povos, foi o catalisador de muitos conflitos, justificativa para ações arbitrárias e instrumento de dominação de um povo sobre o outro. A produção cultural então não é, naturalmente, um consenso.

Podemos então inferir que a cultura pode ser usada como instrumento de repressão ou até dominação. As variações e mudanças que ocorrem no decorrer dos tempos são fruto das intervenções populares , que acontecem de acordo com a vivência desse povo nesse novo contexto:

O enfoque mais fecundo é aquele que entende a cultura como um instrumento voltado para a compreensão, reprodução e transformação do sistema social, através do qual é elaborada e construída a hegemonia de cada classe. De acordo com esta perspectiva, trataremos de ver as culturas das classes populares como resultado de uma apropriação desigual do capital cultural, a elaboração específica das suas condições de

vida e a interação conflituosa com os setores hegemônicos.(CANCLINI, *apud*,CORRÊA,2008,p.24-25).

Mediante a compreensão dos aspectos da aquisição do capital cultural pelas camadas populares, podemos perceber que o povo tem sua própria visão de mundo, e que dentro de qualquer tipo de tentativa de “colonização cultural” surgem aspectos das aspirações populares e da visão de mundo que o homem simples,sem erudição, julga fundamentais e necessários à manutenção de seu contexto social. A cultura popular é, portanto, a mais notável manifestação da ação das camadas populares no meio sócio cultural e demonstra que o homem simples ao qual é negado o acesso ao capital cultural da humanidade também possui leitura de mundo e produz conhecimento sobre a realidade que o cerca.

Portanto, é fundamental que a escola tenha conhecimento substancial da comunidade com a qual trabalha. O cenário cultural brasileiro abriga uma diversidade imensa de características que criam culturas específicas. Isso exige do profissional: “o domínio de saberes que o permita aprendê-la em seu labor cotidiano.” (CORRÊA, 2008, p.102).

Um dos pontos que atualmente geram mais discussões nos meios educacionais e acadêmicos é a ausência de significação da escola na vida dos alunos. Pesquisas já comprovaram como funcionam os mecanismos de aprendizagem – desde sua gênese até a forma como se desperta o interesse dos indivíduos por esse ou aquele objeto. Isso nos remete a importância fundamental de colocar-se dentro da escola a realidade da comunidade a qual ela atende. A escola deve conhecer a cultura local, usando o currículo para efetivar essa inserção.

A escola deve tornar-se ambiente da presença de todos, isto é, deve conter a essência de cada um dos integrantes da comunidade que a compõe. Cada um na representação de sua comunidade cultural deve sentir-se partícipe dos processos lá realizados. Como espaço de convivência de diversidades, torna-se o local ideal para a apresentação dessas aos sujeitos, bem como a valorização de cada um deles dentro de sua especificidade cultural:

A escola e, conseqüentemente, a educação, como espaço em que as contradições sociais se manifestam, converte-se em um dos cenários do multiculturalismo. A presença das múltiplas culturas não é uma invenção escolar, mas a convivência entre

as múltiplas culturas existe no ambiente escolar e é fator importante no contexto que estamos tratando. Essa convivência é resultado das interações humanas, seja por processos de colonização, migração, êxodos, guerras, etc. (FREITAS,2011, p. 90).

Percebemos até aqui que a abordagem mono cultural no currículo exclui e até torna insignificante a escola para os alunos. Consequentemente, é primordial que a escola tenha a sensibilidade de reconhecer em sua comunidade sujeitos sócio históricos, repletos de conhecimento e sabedoria e a partir daí criar seu currículo, pertinente à sua realidade. O currículo escolar então deve abordar toda a diversidade cultural apresentada pela comunidade escolar. Cabe também a toda comunidade escolar participar dessa empreitada.

O direcionamento do trabalho deve ter uma visão multicultural. Segundo Freitas (2011,p.87) : “(...) seria a possibilidade de convivência das diferentes culturas e suas respectivas formas de organização dentro de uma mesma sociedade (...)”. Essa proposta não é de fácil concretização, porém oferece instrumentos para a gestão das diferenças e é a única alternativa para tornar o ambiente educacional realmente democrático.

Tais estratégias de trabalho dentro da escola demandam trabalho árduo, pois exigem do profissional de Educação pesquisas iniciais sobre um objeto de delicada observação: ele mesmo. Para lidar com as diferenças e consequentemente com preconceitos, o profissional deve analisar-se como sujeito social, histórico e cultural, entender suas limitações de compreensão e aceitação das diferenças. Nesse processo, inclusive, pode até ser reconhecido a negação das próprias raízes. Para a compreensão e aceitação do outro é necessário o conhecimento de si mesmo. E isso é um exercício pessoal profundo:

A compreensão da diversidade e, consequentemente, o respeito a ela podem ser traduzidos como passar de uma visão refratária para outra, na qual valores são redefinidos de modo a deixar emergir modos de ser e de fazer próprios não dominantes.( FREITAS, 2011, p. 105).

Uma das formas de valorização na escola da cultura trazida pelos alunos, é trabalhar com as questões da língua materna a partir da vivência que esses alunos possuem. Toda comunidade possui um repertório linguístico

específico e o currículo escolar pode fazer uso dele, explorando todo seu potencial como produto histórico e social construído em um sistema de valores.

Para se sentirem acolhidos e sujeitos ativos de seu processo educacional, os alunos precisam vivenciar a valorização de seu repertório linguístico e cultural. Esse processo passa então obrigatoriamente pela valorização da cultura que eles trazem de casa.

Dentro desse aspecto, é importante salientar que os alunos chegam à escola com sua bagagem de conhecimentos compartilhados em seu ambiente familiar:

Na realidade, cada família transmite aos seus filhos, mais por vias indiretas que diretas, um certo capital cultural e um certo *ethos*, sistema de valores implícitos e profundamente interiorizado, que contribui para definir, entre outras coisas, as atitudes face ao capital cultural e à instituição escolar.(BOURDIEU, *apud*, MELO, 2011, p.97).

Esse capital cultural atribui o desempenho escolar positivo dos alunos a sua vivência cultural dentro de sua família, através do consumo de bens de cultura, com os quais a escola trabalha. O consumo de bens culturais está intimamente ligado ao poder aquisitivo das famílias, que na maioria das vezes não possuem condições econômicas para realizá-lo. Consequentemente, esses sujeitos vivenciam a realidade da exclusão.

Dentro desse mesmo sistema de conceitos nos é colocado a definição do *habitus*, que é a “resposta subjetiva a estruturas objetivas, inclusive com caráter de classe, que agem nos indivíduos e orientam suas ações na vida social” (BOURDIEU, *apud*, MELO, 2011, p.98). É necessário se ter clareza de que a família é a principal transmissora desse *habitus*, que é o mesmo encontrado na classe social a qual essa família pertence.

A escola então, como representante da cultura hegemônica, “repassa” ao aluno o *habitus* que não é o seu, pois a cultura escolar representa os interesses da classe dominante. Podemos demonstrar essa afirmação através do trabalho que é realizado com a gramática, que valoriza a língua culta em detrimento à língua espontânea que o aluno traz de suas vivências:

Podemos exemplificar esse fato com a constatação de que a escola trabalha e legitima como correta a língua culta, a norma gramatical, cuja apropriação ocorre por um mecanismo que está longe de ser espontâneo, ou cotidiano. Esse tipo de linguagem, positivamente legitimada, é adquirido pela imersão densa no contato com ela, que se dá no seio familiar, pela linguagem cotidiana dos pais ou pelo acesso aos livros. Acostumadas com essa linguagem, as crianças dessas famílias chegam à escola com uma bagagem (capital cultural) que facilita sua inserção nos conteúdos escolares, determinando o êxito delas. O que ocorre para as crianças das classes menos favorecidas é que a linguagem culta se contrapõe às experiências cotidianas, surgindo, na escola, como um rompimento com sua vida hodierna e, portanto, dificultando as possibilidades de êxito na escola. (MELO, 2011, p. 98 – 99).

A valorização da cultura que o aluno traz de casa, portanto, passa obrigatoriamente pelo conhecimento dessa cultura pela escola. Isso não é tarefa fácil. É necessário a participação de todos os atores envolvidos para a criação de estratégias e ações com esse fim. Isso pode gerar um sentido para a educação institucionalizada dos alunos, fazê-los sentirem-se ativos e participantes de seu processo e progresso educacional, valorizados como sujeitos sócio-históricos, produtores de cultura e agentes transformadores de sua realidade.

Outro ponto importante nesse sentido é o reconhecimento – por parte do próprio aluno – de sua identidade como ser cultural:

A identidade se constrói dentro do próprio grupo e se faz a partir de uma relação de alteridade. Ou seja, ela necessita do “outro” para poder se definir, é como se identifica um perfil identitário: pelos opostos. Logo, para existir e ter sua continuidade garantida, ela precisa transitar pelo território de negociações humanas. Ou seja, para manter os mais jovens, que são a garantia de continuidade da identidade cultural, é preciso que eles acreditem na importância de pertencer ao grupo. (FREITAS, 2011, p. 50).

Tal colocação nos remete à importância do hábito de pesquisa com os alunos. O processo de construção de uma identidade cultural transita pelo reconhecimento do valor da contribuição das gerações passadas e realizações da geração atual. É importante ressaltar que a ignorância deste fato pode criar uma oposição ao que representa o passado, provocando um movimento de negação a tudo que o representa. A valorização das raízes culturais torna-se

uma temática delicada para ser trabalhada, pois existe a possibilidade do questionamento da real importância de tais conhecimentos, principalmente por parte dos alunos:

De modo geral, o homem tem a ideia de que não vive imerso, em uma cultura, que ela se constitui apenas como tradição e que tradição relaciona-se, exclusivamente, com o passado. Muitas vezes, há uma tendência de desprezar as tradições, deixando de valorizá-las por vinculá-las muitas vezes ao conservadorismo no sentido pejorativo do termo, quando compreendidas como algo ultrapassado. (CORRÊA, 2008, p. 26).

Até agora, é possível concluir que a escola e os profissionais de educação (principalmente os professores), possuem um grande desafio que perpassa não só em sua prática como profissionais, mas em sua vivência como seres humanos. Isso põe em questão não só a formação profissional mas a formação humana. Mudanças na forma de tratar as situações de diversidade cultural são fundamentais para que a educação seja realmente democrática e universal. Percebe-se aqui democrático como algo construído pelos atores envolvidos e universal como algo personalizado e específico para a clientela para a qual o trabalho realizado se destina.

São necessários então, a postura dos profissionais e o reconhecimento da cultura escolar local:

Com efeito, a cultura escolar precisa então saber incorporar novos saberes à sua cultura, a qual se entende ser composta por uma complexidade geral e outra específica. Da primeira, fazem parte práticas, saberes, normas, materiais, comportamentos e, vinculados a estes, modos de ser, de pensar, valores, a organização e a dinâmica interna da escola, rituais, a arquitetura que, além do aspecto estético, dimensiona o uso dos espaços pelos alunos e professores. Da segunda, fazem parte os saberes oriundos das disciplinas ou os conhecimentos que devem ser ensinados pelos professores, os quais também possuem saberes vinculados estritamente ao campo pedagógico e que orientam e dinamizam esse fazer. Por outro lado, os docentes também estão de posse de saberes próprios às suas áreas de conhecimento que se inter-relacionam com outros de caráter profissional e socialmente construídos. (CORRÊA, 2008, p. 129 – 130).

Destacamos que os procedimentos aqui relatados requerem sensibilidade diferenciada por parte do professor, pois exigem uma boa dose de capacidade de pesquisa, conhecimento erudito, popular e autoconhecimento.

Isso gera grandes possibilidades dentro da escola. Amplia-se o alcance do que pode ser trabalhado no ambiente escolar, enquanto conhecimento em todos os seus aspectos epistemológicos. Traz para dentro deste ambiente a realidade da comunidade, os aspectos pontuais que precisam ser discutidos neste local. Isso inclui toda a gama de assuntos que fazem parte do dia-a-dia dos alunos: a diversidade em todos os seus aspectos.

Um ponto central, de toda a abordagem e respeito que a diversidade cultural deve ter na escola, passa pela inclusão efetiva dessa temática no currículo. A presença do tema não deve ocorrer simplesmente como um tópico a ser trabalhado em determinado período, mas como postura de trabalho e proposta de vivências diárias em todo o ambiente escolar. Ao incluir-se no currículo um trabalho efetivo sobre a diversidade em todos os seus aspectos e retirando-se a abordagem de “tema exótico”, estaremos realmente proporcionando momentos de debate e reflexão de qualidade na comunidade escolar:

Trabalhar com a diversidade na escola não é um apelo romântico do final do século XX e início do século XXI. Na realidade, a cobrança hoje feita em relação à forma como a escola lida com a diversidade no seu cotidiano, no seu currículo, nas suas práticas faz parte de uma história mais ampla. Tem a ver com estratégias por meio das quais os grupos humanos considerados diferentes passaram cada vez mais a destacar politicamente as suas singularidades, cobrando que as mesmas sejam tratadas de forma justa e igualitária, desmistificando a ideia de inferioridade que paira sobre algumas dessas diferenças socialmente construídas e exigindo que o elogio à diversidade seja mais do que um discurso sobre a variedade do gênero humano. Ora, se a diversidade faz parte do acontecer humano, então a escola, sobretudo a pública, é a instituição social na qual as diferentes presenças se encontram. Então, como essa instituição poderá omitir o debate sobre a diversidade? E como os currículos poderiam deixar de discuti-la? (GOMES,2007, p.22 – 23).

Sabemos que o currículo é movimento, e espelha tudo que é realizado na escola, em todos os aspectos. Nele imprimimos as características do

trabalho que a escola realiza, bem como das posturas que são assumidas diante das necessidades da comunidade a qual atendemos. É importante termos isso claro para que todas as atividades (das cotidianas as mais elaboradas) tenham congruência com o que é proposto.

A abordagem curricular sobre diversidade deve ser entendida não só como diversidade do gênero humano, mas como toda a produção humana. Tal produção engloba não só o que possui registro, mas pode incluir aspectos da cultura que não possuem registro escrito, como por exemplo, o repertório da cultura popular que tem sua perpetuação baseada na tradição do repasse oral das informações:

Sem dúvida a aparente redescoberta da cultura como categoria chave na relação de ensino-aprendizagem manifesta-se como um dos caminhos contemporâneos possíveis de incluir na escola grupos sociais cujas culturas dela estiveram ausentes. Nesse caso, não se trata de simplesmente incluir e fazer parte, mas do significado tácito (implícito) e simbólico que essa manifestação de grupo tem em termos daquilo que a cultura representa para a aprendizagem do aluno na escola.(CORRÊA, 2008, p.137).

Concluindo, vimos que o uso da cultura trazida pelos alunos de casa possui um repertório riquíssimo, pronto para ser utilizado pela escola, que deve manter-se atenta para garantir a sua comunidade mecanismos de participação nos processos de construção das propostas curriculares . Tal ação fomenta o que realmente pode dar sentido à comunidade em geral frequentar a escola. Isso por consequência, pode criar futuras gerações que terão uma visão bem mais ampla do que deve e pode ser realizado dentro da escola e como a participação e o reconhecimento de cada um como indivíduo único, porém, participante de uma grande estrutura faz a diferença de forma salutar.

## II - METODOLOGIA DE PESQUISA

A pesquisa foi realizada em uma turma de 4º ano do Ensino Fundamental. A turma é composta de 20 alunos. No primeiro momento, realizou-se uma conversa informal onde os alunos foram esclarecidos de que participariam de um trabalho de pesquisa sobre a “Origem da minha origem”. Eles levaram um questionário para casa para responder juntamente com sua família. Foram feitas perguntas simples, como: “A qual estado brasileiro sua mãe pertence?” “E seu pai?” As perguntas vislumbraram a ascendência do aluno até a segunda geração. As perguntas abordaram conhecimentos da cultura regional a qual o sujeito em questão pertencia, se ele conhecia alguma característica e como tomou conhecimento de tal informação.

A professora regente da turma gentilmente auxiliou na distribuição e recolhimento dos questionários e termos de autorização para uso da imagem das crianças. Tais documentos ficaram com as famílias durante alguns dias. Alguns imprevistos aconteceram, como o esquecimento ou perda dos documentos por alguns alunos. Tais fatos não prejudicaram o andamento da pesquisa, já que ao não obter o retorno dos documentos esses eram prontamente repostos e reforçado novamente junto às famílias a importância da participação delas nesse trabalho de pesquisa.

Após coleta de dados desses questionários, foi levantada a base de dados sobre as origens dos alunos. As informações obtidas sobre a quantidade de alunos por estado definiu o tema, pois oferecemos a todos os participantes da pesquisa uma oportunidade de contato com a diversidade cultural existente nas camadas populares.

De conhecimento dos estados de origem dos alunos, foram propostas oficinas com temas específicos. No decorrer de todo o processo foi frisado como a influência das peculiaridades culturais estão presentes no nosso dia a dia. Esse momento foi fundamental, pois o principal objetivo desse trabalho foi fazer com que alunos e comunidade refletissem e percebessem que muitas vezes, o desconhecimento de nossas raízes dificulta a valorização de nossas características físicas, sociais e individuais.

As duas oficinas aconteceram no período de 18/04/2013 a 27/04/2013. Nesse intervalo de tempo, foram realizadas conversas informais com os alunos

e com a professora regente sobre cultura popular. Foram oferecidos aos alunos momentos para que eles discutissem sobre o tema, refletissem como eles fazem parte de toda a construção desses conhecimentos e assim vivenciassem atividades relacionadas às manifestações da cultura popular.

O tipo de pesquisa realizada foi qualitativa, pois objetivou a coleta e análise de dados subjetivos. Inicialmente, o uso do questionário auxiliou na construção de uma familiaridade com o grupo pesquisado, porém, como citado anteriormente, tais dados foram usados para o planejamento das oficinas. Dentro das características apresentadas pela problemática inicial e a análise final de todos os dados coletados, a pesquisa aconteceu em abordagem fenomenológica.

## RELATÓRIO DA COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

Todos os alunos receberam e entregaram o questionário totalmente ou parcialmente respondido. Os estados que mais apresentaram ocorrência de naturalidade foram os da região nordeste. A Bahia foi o estado mais citado. Na região sudeste, o que mais apresentou sujeitos procedentes foi o estado de Minas Gerais.

Houve um número significativo de pessoas oriundas de Brasília, principalmente mães e pais. Esse dado é relevante, porém é necessária uma busca mais aprofundada na ascendência das crianças. Sendo Brasília uma cidade jovem e formada pelo intenso movimento de migração, as famílias costumam manter hábitos e vivências dos estados de origem de seus ascendentes.

A grande maioria dos entrevistados mostrou ter conhecimento sobre brincadeiras da cultura popular e dizem repassar tais brincadeiras aos filhos, porém citam que a realidade atual impede que as crianças desfrutem do espaço da rua como era feito em sua época de crianças.

Sobre as músicas regionais a grande maioria não conhece nada significativo. Muitas vezes, confundem música popular ou até música industrial com manifestação de cultura local.

As comidas típicas são de conhecimento da maioria. Alguns não manifestaram nenhuma opinião a respeito e outros relataram sua alimentação cotidiana mais próxima a sociedade de consumo, com o uso de alimentos industrializados.

Sobre lendas e personagens típicos regionais, a grande maioria apresentou desconhecimento. Curiosamente, foi citado até um ex-presidente: Juscelino Kubitschek.

O hábito dos mais velhos contarem histórias aos mais novos faz parte da realidade de uma pequena parte dos entrevistados. Foram citadas histórias que contavam a jornada dos ancestrais da família e histórias bíblicas. Um entrevistado citou a narração de histórias de assombração na beira da fogueira: “Era muito emocionante, ainda mais quando era em volta da fogueira. Tinha

(sic) histórias de pessoas mortas que apareciam depois de um tempo. Nossa, isso chega a dar arrepio quando lembro”.

Os dados coletados indicaram que os temas mais carentes de conhecimento pelos alunos são músicas regionais, lendas e personagens típicos da cultura popular.

Dentro dessa realidade apresentada após a coleta dos dados relatados, foram realizadas duas oficinas que trabalharam com os temas que apresentaram maior desconhecimento por parte dos alunos: música regional e personagens típicos regionais e lendas.

A primeira oficina foi sobre personagens regionais e a segunda oficina foi sobre música regional e brincadeiras. As crianças produziram material artístico e o registro foi feito com fotos e trabalhos realizados pelas crianças em sala de aula.

### III- ANÁLISE DOS DADOS

Inicialmente, os alunos mostraram-se tímidos em relação à participação nas oficinas. A realização das oficinas mostrou um fato interessante: as crianças ainda se interessam por brincadeiras tradicionais, pela construção de brinquedos de forma artesanal e pela ludicidade. Isso é um fator importantíssimo que a escola pode usar, pois nesse contexto da cultura popular encontram-se inúmeros meios de trabalhar as diversas áreas do conhecimento de forma criativa e significativa com as crianças.

Durante a oficina 1, causou um certo estranhamento diante das crianças a contadora de histórias estar vestida de caipira, mas logo eles se identificaram com o personagem e a atividade aconteceu de forma prazerosa.

As crianças mostraram desconhecimento da figura típica mineira, intitulada pelo autor que o transcreveu como “Zé Bocoio”: pessoa de fala mansa, que possui um olhar particular sobre a realidade ao seu redor. Ele não entende o porquê das pessoas serem tão nervosas e mal educadas. Outro aspecto interessante mostrado na história é que palavras usadas em contextos que não as caibam podem gerar grandes conflitos. Foi explicado também para as crianças o que é chouriço, uma iguaria típica de Minas Gerais. Nenhum dos alunos demonstrou conhecer tal comida até então.

A audição da história foi muito significativa para os alunos, que se mostraram interessados e participativos. Muitos riram e se identificaram com as peripécias do personagem.

Na produção de texto que foi proposta às crianças elas se referiram a parte da história que elas mais gostaram. Fizeram uma ilustração e pintaram.

Ao final da oficina, foi oferecido um pedaço de doce de leite para degustação. Isso demonstrou que a leitura de fruição encontra lugar cativo diante das crianças. Ela é parte importante na formação do aluno como leitor e produtor de textos. Também pode ser observado que as histórias populares são atuais para o público infantil e que tal repertório resgata e acrescenta nas crianças o espírito criativo.

Na oficina 2, a utilização de material reciclado e a construção do brinquedo foi um momento muito interessante. Os alunos enfeitaram seus chocalhos de diversas formas, preocupados em diferenciarem-se uns dos

outros. Aqueles que terminavam primeiro ajudavam os que não haviam terminado ou não possuíam muita habilidade.

Ao final da oficina, foi ofertado a cada participante um doce típico da Bahia: uma cocada. Essa oficina mostrou um dado preocupante: as crianças não usam atualmente sua capacidade motora de forma plena nas brincadeiras. A brincadeira “Escravos de Jó” é relativamente complexa, pois exige de seu participante concentração, memorização, boa lateralidade e ritmo. A maioria dos alunos demonstrou dificuldades em executar a coreografia proposta na brincadeira, que foi mantida o mais simples possível. Outros demonstraram dificuldade em cantar a música e repassar o chocalho ao mesmo tempo. Alguns demonstraram dificuldade em memorizar a música.

Ficou evidente que o desenvolvimento pleno das habilidades das crianças mostra-se comprometido devido às brincadeiras atuais não usarem todos os recursos que as brincadeiras tradicionais possibilitam, tanto em nível individual quanto coletivo. Individualmente podemos citar o aprimoramento da coordenação motora grossa e fina, do ritmo, da agilidade, da percepção visual e auditiva. Coletivamente, podemos citar a cooperação entre os membros de uma equipe, observação e sincronia de movimentos em grupo.

Podemos analisar tal dado não só do ponto de vista sinestésico, mas podemos fazer uma análise social desse fato. O potencial criativo das crianças encontra-se pouco explorado e isso gera conseqüências que podemos observar dentro de sala de aula.

Ao construir seu próprio brinquedo, a criança transfere suas potencialidades para o objeto, de forma reflexiva. Além da satisfação (ou quem sabe conflito por sentir dificuldade) na construção de seu brinquedo, a criança vivenciará todas as etapas do processo criativo. Isso com certeza alargará seu horizonte como ser criativo além dos limites da sociedade de consumo.

Nesse sentido, falamos das brincadeiras populares como um processo complexo de interação social. A criança cria seu brinquedo e manipula tal objeto usando informações repassadas a ela como uma herança cultural. Nesse repasse, o sujeito é envolvido como receptor das informações mas também torna-se criador a partir do momento em que usa tais informações e as vivencia conforme seu entendimento.

É importante ressaltar que o não envolvimento da criança no seio do repertório da cultura popular priva-a de momentos de potencial desenvolvimento, reconhecimento de sua nata habilidade de construção de conhecimento bem como da criação de uma atitude crítico- reflexiva diante dos padrões culturais impostos pela classe dominante. Isso se reflete nas características da sociedade atual, onde o consumo desenfreado é estimulado e são emparelhados os conceito de “ter” ao de “ser”.

A cultura popular trabalhada pedagogicamente nas escolas pode abranger todas as áreas de conhecimento. Podemos transcrever histórias orais em produções de textos, transformá-las em quadrinhos ou em uma dramatização. Analisar o contexto histórico e social do surgimento de histórias fantásticas (as lendas) e refletir sobre os personagens populares que aparecem em cada região brasileira. Pesquisar sobre o uso de plantas medicinais e alimentação regional. São conteúdos que estão presentes nas grades curriculares nas distintas áreas de conhecimento.

## CONCLUSÃO

A cultura popular precisa ser resgatada dentro das escolas. As etapas da pesquisa vislumbraram aspectos importantes nesse sentido: a busca de informações do aluno dentro de sua família, o que demonstrou que muitos desconhecem sua origem (o que prejudica o autoconhecimento), a necessidade do resgate de atividades com tal temática em sala de aula e a valorização primordial da cultura popular no currículo das escolas.

Durante a realização desta pesquisa, alguns fatores dificultaram a coleta de dados para maior identificação do trabalho junto aos alunos. O desconhecimento da ascendência por parte de muitas crianças expõe a mesma à ignorância de suas origens e, conseqüente alienação sobre sua importância como ser cultural.

O uso da pesquisa para diagnóstico da origem dos alunos mostrou-se uma ferramenta poderosa na transformação do currículo em algo mais próximo a realidade das crianças. Fatores importantes são abordados dessa forma, pois cada um se sente contribuinte no processo de ensino aprendizagem. Ao participar de um processo como criador e não só como receptor, o conhecimento torna-se significativo para os sujeitos.

As atividades que possuem como base a cultura popular não se eximem de abordar conhecimentos eruditos. Os conteúdos propostos nas grades curriculares podem ser tratados dentro do universo do conhecimento popular. A diversidade proposta nesse tipo de trabalho enriquece o repertório de todos os envolvidos, trazem à tona questionamentos importantes sobre hegemonia cultural e valorização pessoal.

O escutar histórias ainda é algo extremamente prazeroso para as crianças. Ouvir “causos” e variados tipos de relatos além de ser parte das necessidades da criança como leitor/produtor trabalha aspectos importantes na formação desse indivíduo: a concentração, a audição, a memorização e o gosto da leitura pela leitura, a fruição.

O contato com personagens da cultura popular, pessoas simples que não veem complicação na vida e a vivem despreocupadamente possibilita uma outra visão de mundo, longe da sociedade de consumo, da meritocracia e do ritmo contemporâneo alucinante. É oferecida uma nova forma de pensar nas

soluções das questões: tentar manter a simplicidade e não esquecer que toda ação executada em nossas vidas envolve outros sujeitos.

Outro aspecto importante observado durante a pesquisa foi a carência de desenvoltura dos alunos durante as atividades que necessitavam de habilidades motoras. Notou-se que atualmente as brincadeiras que as crianças usam não contemplam o uso do corpo de forma global, como é proposto em várias brincadeiras do repertório popular. Podemos concluir, com isso, que muitas brincadeiras da cultura popular estimulam o desenvolvimento motor, de raciocínio, da lateralidade, da memória e da concentração.

Podemos afirmar que o resgate das brincadeiras, das músicas, dos “causos” e de todo o repertório da cultura popular passível de ser trabalhado nas escolas é uma ferramenta muito importante, que abrange muitos dos conhecimentos que a criança necessita ter contato durante sua vida escolar. Cabe aos profissionais da educação fazerem uma pesquisa junto a sua comunidade escolar e descobrir a origem deles; isso é um fator primordial para a realização de um trabalho com o qual os sujeitos envolvidos se identifiquem.

## REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Ricardo. *Cultura da Terra*. 1ª ed. São Paulo: Editora Moderna, 2008.
- CORRÊA, Rosa Lydia Teixeira. *Cultura e diversidade*. 20 ed. Curitiba: IBPEX, 2008.
- GOMES, Nilma Lino. *Indagações sobre currículo : Diversidade e currículo*. Organizado por Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008.
- FREITAS, Fátima e Silva de. *A diversidade cultural como prática na educação*. 1ª ed. Curitiba : IBPEX, 2011.
- MELO, Alessandro de. *Relações entre escola e comunidade*. 1ª ed. Curitiba: IBPEX, 2011.
- VALENTE, Ana Lúcia. *Educação e diversidade cultural – Um desafio da atualidade*. 1ª ed. São Paulo: Editora Moderna, 1999.

# Apêndice 1

## Questionário

**Nome do aluno(a):** \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ anos.

Sexo: Feminino

Masculino

\*\*\*\*\*

**Nome da mãe:** \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ anos.

Local de nascimento (cidade e estado): \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Filiação:

Nome da mãe: \_\_\_\_\_

Local de nascimento (cidade e estado): \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Nome do pai: \_\_\_\_\_

Local de nascimento (cidade e estado): \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\*\*\*\*\*

**Nome do pai:** \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ anos.

Local de nascimento (cidade e estado): \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Filiação:

Nome da mãe: \_\_\_\_\_

Local de nascimento (cidade e estado): \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Nome do pai: \_\_\_\_\_

Local de nascimento (cidade e estado): \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Quando crianças, vocês brincavam de quê? Ensinaram a seus filhos essa brincadeira? Por quê?

---

---

---

---

---

---

Vocês conhecem alguma música da região de vocês? Como aprendeu a cantá-la?

---

---

---

---

---

---

Qual a comida que vocês costumavam comer na região de vocês? Conhece alguma comida típica?

---

---

---

---

---

---

Conhece alguma história, lenda ou personagem de sua região? Como tomou conhecimento disso?

---

---

---

---

---

---

Na sua família havia o hábito dos mais velhos contarem histórias aos mais novos? Se isso acontecia, nos conte como era:

---

---

---

---

---

---

Agradecemos imensamente a sua colaboração!

## Apêndice 2

Quadro demonstrativo da quantidade de sujeitos que ocorreram por estado:

Estado	Mãe	Avó materna	Avô materno	Pai	Avó paterna	Avô paterno	Total
Goiás	1	3	2	0	0	1	7
Brasília	9	2	0	7	1	1	20
Ceará	1	2	3	1	1	1	9
Pernambuco	2	1	3	2	2	2	12
Piauí	1	0	1	0	3	3	8
Bahia	1	3	3	3	5	1	16
Paraíba	0	1	2	1	1	1	6
Minas Gerais	0	4	0	3	2	2	11
Rio Grande do Norte	1	0	1	0	0	0	2
Paraná	1	1	1	0	0	0	3
São Paulo	0	0	1	0	0	0	1
Maranhão	2	1	1	0	1	0	5
Não responderam	1	2	2	3	5	7	20

### Apêndice 3

Autorização do uso de imagem

Eu, \_\_\_\_\_ pai/mãe ou responsável do  
aluno(a) \_\_\_\_\_, do 4º ano “B” da Escola Classe 22 do  
Gama, autorizo o uso de imagem ou de fotografia do aluno acima descrito, para  
fins de trabalho científico da professora Carla Cristina Braga Alves Dutra.

Gama, \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_

---

Assinatura do pai/mãe ou responsável

## Apêndice 4

### Trapalhadas do Zé Bocoio

Zé Bocoio vivia fazendo burrada. A família ficava zangada e dava bronca, mas não adiantava. Volta e meia o Zé aprontava cada besteira de dar dó.

Certo dia, sua mãe fez um pedido:

--- Zé, preciso de sangue pra fazer chouriço. Preste bem atenção pra não errar.

Mandou o filho ir até a cidade dizendo em voz alta: “ Eu quero sangue, eu quero sangue!”.

--- Faça isso até chegar ao açougue --- aconselhou ela ---, senão você esquece.

E lá se foi Zé Bocoio andando e falando alto: “ Eu quero sangue, eu quero sangue!”.

Mal chegou à cidade, encontrou dois homens brigando feio no meio da praça. Uma multidão de gente assistia assustada. E era tapa para cá, soco para lá, rasteira, chute, empurrão, dentada, murro e muita pancada.

O Zé foi lá ver e falou bem alto:

--- Eu quero sangue, eu quero sangue!

A platéia ficou furiosa.

--- Onde já se viu uma coisa dessas?

--- Os dois brigando e esse moleque pedindo mais sangue!

--- Cala essa boca, moleque!

Um homem se aproximou, agarrou Zé Bocoio pelo braço e ensinou:

--- Num caso assim você devia dizer: “Tomara que isso acabe para sempre!”.

--- Mas minha mãe mandou dizer: “Eu quero sangue!” --- respondeu ele.

O homem achou que o Zé estava brincando:

--- Falou nada, safado. Vá embora daqui e vá dizendo: “Tomara que isso acabe para sempre!”.

E lá se foi Zé Bocoio andando e falando alto: “Tomara que isso acabe para sempre, tomara que isso acabe para sempre!”.

Logo adiante passou na frente de uma igreja. Estava havendo uma festa de casamento. Os noivos, felizes da vida, desciam as escadas, abraçavam e beijavam as pessoas.

O Zé foi lá ver e falou alto:

--- Tomara que isso acabe para sempre, tomara que isso acabe para sempre!

Os convidados ficaram revoltados.

--- Moleque lazarento!

--- Tá querendo dar azar pro casamento!

--- O desgraçado veio aqui rogar praga!

Uma mulher se aproximou, agarrou Zé Bocoio pelo braço e ensinou:

--- Num caso assim você devia dizer: “ Tomara que isso aconteça com muita gente!”.

--- Mas eu pensei que era pra dizer: “Tomara que isso acabe para sempre!” --- respondeu ele.

A mulher achou que o Zé estava brincando:

--- Cala a boca, safado. Vá embora daqui e vá dizendo: “ Tomara que isso aconteça com muita gente!”.

E lá se foi Zé Bocoio andando e falando alto: “ Tomara que isso aconteça com muita gente, tomara que isso aconteça com muita gente!”.

Foi parar na frente do cemitério. Uma procissão chegava carregando um caixão de defunto. O padre vinha na frente, e atrás muita gente de luto, chorando e soluçando.

O Zé foi lá ver e falou alto:

-- Tomara que isso aconteça com muita gente, tomara que isso aconteça com muita gente!”.

As pessoas ficaram indignadas.

--- Mas isso é coisa que se diga?

--- Vira essa boca pra lá!

--- Eta moleque danado de ruim!

O padre se aproximou, agarrou Zé Bocoio pelo braço e ensinou:

--- Num caso assim você devia dizer: “Tomara que não venha mais nenhum!”.

--- Mas eu pensei que era pra dizer: “Tomara que isso aconteça com muita gente!” --- respondeu ele.

O padre achou que o Zé estava brincando:

--- Cala a boca, safado. Vá embora daqui e vá dizendo: “Tomara que não venha mais nenhum!”.

E lá se foi Zé Bocoio andando e falando alto: “Tomara que não venha mais nenhum, tomara que não venha mais nenhum!”.

Mais à frente deu de cara com um triste acidente. Três crianças pequenas haviam caído da ponte e estavam se afogando no rio. Um monte de gente assistia à cena. Bombeiros, voluntários e pessoas da família tentavam salvar as vítimas. Um bombeiro passou carregando no colo uma criança que tinha acabado de ser salva.

O Zé foi lá ver e falou bem alto:

--- “Tomara que não venha mais nenhum, tomara que não venha mais nenhum!”.

Todo mundo ficou revoltado.

--- Tá ficando louco da cabeça?

--- Não vê que as crianças não sabem nadar?

--- Mandem embora esse moleque senão eu tiro sangue dele!

Foi quando os olhos do Zé Bocoio brilharam:

--- Sangue? Mas minha mãe me mandou dizer: “Eu quero sangue!”.

--- Tá querendo ver o sangue das crianças? --- perguntou um bombeiro agarrando o Zé pelo colarinho.

--- Eu não moço! Só tô querendo sangue pra minha mãe fazer chouriço!

Ninguém entendeu coisa nenhuma. Como, por sorte, as duas outras crianças foram encontradas com vida, as pessoas resolveram ir embora.

Enquanto isso, Zé Bocoio foi até o açougue e comprou o sangue que sua mãe havia pedido.

Voltou pra casa pensando:

--- Quanta gente besta, meu Deus do céu!

(Trapalhadas do Zé Bocoio, in: *Cultura da Terra*, de Ricardo Azevedo, São Paulo, Moderna, 2008.

## APÊNDICE 5

### Plano de trabalho (oficina 1).

**Tema:** História com personagem típico da cultura mineira.

**Objetivos:**

- Escutar histórias para conhecer e apreciar conhecimentos populares;
- Refletir sobre mensagens presentes nas histórias;
- Apreciar momentos de escuta de “causos” por fruição.

**Procedimentos e desenvolvimento do tema:**

Inicialmente, as crianças serão convidadas a sentarem-se em círculo para ouvirem uma história. Será perguntado se alguma delas conhece ou já ouviu falar do personagem “Zé Bocoio”. Será perguntado se elas sabem o que é chouriço, comida típica de Minas Gerais, feita basicamente de sangue. Após a discussão inicial, a história será contada à turma.

Após a leitura do texto, será aberto um debate entre as crianças com os seguintes questionamentos:

- Por que o personagem Zé Bocoio tem esse nome?
- Por que ele age assim?
- Você acha que ele age de forma certa? Por quê?
- Você já escutou alguma história semelhante a essa?

E outras questões que surjam no momento.

Após esta etapa, será pedido às crianças que elas escrevam sobre a parte que elas mais gostaram da história e façam a respectiva ilustração.

Depois de concluída a atividade, será pedido que as crianças apresentem seus trabalhos aos colegas.

Finalizando, será entregue uma lembrancinha para as crianças (doce).

## **Recursos**

- Livro de história;
- Folhas para escrita e desenho;
- Lápis de cor, giz de cera, lápis, borracha e apontador.

## **Avaliação**

Será feita observando o grau de envolvimento e satisfação das crianças participantes. Tal procedimento visa despertar nas crianças sua capacidade de ouvir e contar de histórias.

## **Cronograma**

90 minutos.



Momento de leitura da história “Trapalhadas do Zé Boció”.



Alunos produzindo texto relativo à história “Trapalhadas do Zé Boció”.

## APÊNDICE 6

### Plano de trabalho (oficina 2).

**Tema :** Brincadeiras e cantigas de roda.( Escravos de Jó).

#### **Objetivos:**

- Resgatar a vivência das brincadeiras e cantigas de roda;
- Perceber a presença do saber popular na estrutura das músicas e brincadeiras;
- Identificar dentro das brincadeiras elementos pertinentes à sua realidade familiar.
- Trabalhar com a coordenação motora, lateralidade e memorização.

#### **Procedimentos e desenvolvimento do tema:**

Será pedido dias antes para as crianças que tragam para a escola garrafas pet pequenas e vazias, para a confecção dos chocalhos usados na brincadeira.

A atividade será iniciada com uma conversa informal com os alunos sentados em círculo. Será levantada a questão “Alguém conhece a brincadeira de “Escravos de Jó?”. Após os relatos, será apresentada a música para as crianças. Nesse momento, serão estimulados relatos pessoais que se identifiquem com a temática.

Após esse momento, os alunos serão convidados a confeccionar o chocalho com a garrafa pet. Cada um enfeitará seu chocalho conforme quiser.

Depois de confeccionado o brinquedo, será explicado às crianças como funciona a brincadeira: enquanto se canta a música, o chocalho é passado para o colega do seu lado, que poderá ser o direito ou esquerdo (isso será determinado antes da brincadeira começar). Enquanto o chocalho é passado, canta-se a música:

#### **Escravos de Jó**

“Escravos de Jó jogavam caxangá  
tira, bota, deixa ficar  
Guerreiros com guerreiros fazem zigue- zigue- za” (bis)

(Domínio Público)

Dependendo da agilidade apresentada pelas crianças, serão acrescentadas dificuldades na brincadeira, como o passar mais rápido do chocalho, a troca de lado do repasse ou até o passar do chocalho sem cantar a música, somente usando o ritmo.

Finalizando, será entregue uma lembrancinha para as crianças (doce).

### **Recursos**

- Garrafas pet pequenas;
- Fitas adesivas coloridas;
- Milho de pipoca;
- Papel crepom.

### **Avaliação**

Será feita observando o grau de envolvimento e satisfação das crianças participantes. Tal procedimento visa despertar nas crianças sua capacidade criativa e desenvolver coordenação motora, lateralidade, concentração, memorização, ritmo e trabalho em equipe.

### **Cronograma**

90 minutos.



Construção do chocalho (acima) e realização da brincadeira: "Escravos de Jó" (abaixo).

